



Boletim Informativo Programa de Intercâmbio Brasil – Angola nºII - 20 de setembro de 2006

ENTREVISTA

O que pensa a consultora do PIBA

Tânia Jandira, ex-coordenadora do Programa pelo CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), foi convidada pela Roda Viva para prestar assessoria ao Programa. Seu trabalho vem sendo produzir textos para fomentar discussões e reflexões na Rede Brasileira. Neste último encontro da Rede Brasileira contribuiu com a discussão sobre rede, um dos temas do encontro.

Quais são as novas perspectivas do programa?

R: Além do maior dinamismo desde a mudança de coordenação, começou a descentralização do PIBA no Brasil, o que considero um passo importante. Além disso, na viagem a Angola foram realizados seminários e mesas de diálogo com ampla participação dos parceiros angolanos. Essa foi uma demanda discutida entre brasileiros e angolanos na visita da delegação angolana em 2005. Amplia-se a potencialidade do encontro presencial entre educadores sociais angolanos e brasileiros. Para a próxima viagem dos angolanos ao Brasil o "cardápio" das propostas de atividades deve ser maior e melhor.

A rede está funcionando bem? A comunicação flui facilmente?

R: A Rede está viva. Ela pulsa. Há nós bem apertados e compromissados. Há também alguns nós bem frouxos, mas isso traz também a potencialidade de que novos nós se façam. Ter a atuação em Rede como proposta é trabalhar nossas contradições, o autoritarismo, a centralização, as disputas, a verticalização etc. A comunicação nem sempre é fácil. Entre nós brasileiros e entre brasileiros e angolanos. Já dizia Ynari, a menina de cinco tranças, "as palavras tem muitos significados". Para uma mulher inquieta, como eu, quase todos e todas são lentos. A tarefa da coordenação é árdua nesse sentido. E efetivamente, Angola tem muitos problemas de comunicação via internet, já superados no Brasil.

A seu ver o que poderia ser melhorado no Programa?

R: Agirmos mais. Sairmos da teoria para a práxis. Acredito que nosso agir está sempre impregnado de nossas teorias. Nosso agir reflete nosso pensar. Sou Reichiana: "O amor, o trabalho e a sabedoria são a fonte de nossa vida, deviam também governá-la". Penso que se deve sair da posição de: não ajo porque não conheço; para: vou proporcionar um encontro a partir do meu trabalho. E com isso, conhecer o outro e seu trabalho. Mas, para isso preciso querer conhecer o outro e com ele querer estabelecer uma relação. Há ainda muitas relações casuais e fortuitas, mais do que relações de compromisso. Estamos na era das relações líquidas, também no trabalho, infelizmente.

Como você avalia a visita dos brasileiros a Angola neste ano?

R: Me parece que foi bastante produtiva. Além do que já citei, também houve um maior tempo de visita a cada parceiro possibilitado pela divisão da delegação em alguns momentos. Ampliou-se o olhar sobre Angola por parte da rede brasileira. Novas relações foram estabelecidas e outras, fortalecidas.

ARTIGO

Tânia Jandira

Que tipo de Rede é a Rede PIBA?

As palavras são repletas de significados, como bem sabe Yanari, a menina das cinco tranças de Angola. A palavra *rede*, por exemplo, significa um "entrelaçamento de fios". Logo nos vem à mente a rede, utensílio para nosso descanso, a rede utensílio de pesca... fios que se entrelaçam.

Que tipo de "Rede" é a Rede PIBA? Se pensarmos enquanto estrutura, seus nós e ramificações, vemos que a Rede PIBA é um entrelaçado de redes. A rede local (instituição), a rede estadual/província, a rede nacional, a rede Brasil-Angola.

Palavras com o tempo também adquirem outros significados e podem ser adjetivadas. Em nossa era da Cibernética falar em rede é falar nas "Redes virtuais", em conexões. Onde se diz que não "basta produzir e sim circular informação". Onde a informação e a comunicação são usadas como instrumento de conexão e relacionamento.

Que tipo de Rede é a Rede PIBA? A Rede PIBA tem se utilizado de instrumentos virtuais ou é também uma Rede Virtual? A informação tem sido produzida e circulada? Quem produz? Quem circula a informação? A informação e a comunicação têm permitido que as instituições e pessoas estabeleçam diferentes conexões e relacionamentos? A forma com a qual a Rede PIBA se comunica é satisfatória? Os problemas são os instrumentos? A frequência das comunicações? A não comunicação entre diferentes elos da Rede? A dificuldade de relacionamento entre estes vários elos? Quem se comunica, com quem?

Rede é uma forma de operar. Uma forma de vivenciar e organizar os espaços de poder, onde a horizontalidade nas relações resulta em alguns princípios que devem ser expressos nas relações e na gestão. Operar em Rede é uma questão de poder. Witaker nos diz que há duas formas de exercer o poder - para dominar e para ajudar o outro a obtê-lo. Diz ainda que na horizontalidade não há quem perde ou ganha o poder, pois o poder deve ser construído em conjunto com o outro. Todos têm o mesmo grau de importância, apesar de exercerem funções diferentes e também todos são co-responsáveis.

Que tipo de Rede é a Rede PIBA? Há tensões entre processos verticais e horizontais? Entre competição e cooperação e compartilhamento? Há desconcentração de poder? Também em nosso tempo, quando se fala em rede pode-se estar falando de "Redes Sociais". Quando se propôs ao PIBA a organização em Rede tinha-se em mente esse modelo de organização, entendendo a rede como uma estratégia de ação que permite compartilhar objetivos, construídos coletivamente.

Que tipo de Rede é a Rede PIBA? O PIBA é uma Rede Social? Redes Sociais são dinâmicas, há múltiplas iniciativas, são ambiente fértil para parcerias e evoluções coletivas e individuais. Em alguns momentos, me parece que ficamos presos nas malhas do coletivismo, que dificultam que conexões entre pares aconteçam. Essa seria outra tensão na proposta de operar em rede.

Rede é a forma como nos relacionamos. Logo, falar em rede é falar em conexões, de relações, de uma forma de relacionamento, onde coexistem diferentes. Relações são construídas.

Que tipo de "Rede" é a Rede PIBA? Estamos conseguindo estabelecer relações pessoais e institucionais? De quais tipos são nossas relações? Relações duradouras, sólidas, ou líquidas? Redes são dinâmicas, logo as configurações são mutantes. Pessoas e instituições entram e saem. A Rede PIBA tem conseguido integrar seus parceiros? Tem conseguido atrair novos parceiros? Tem acolhido os que chegam?

Rede é o padrão de organização do sistema vivo, que se sustenta e se auto produz. Um sistema onde a interdependência é fato. Falar em Rede é falar no princípio sistêmico que rege a vida.

A Rede PIBA vive. Está se auto organizando, como organismo vivo e mutante vai sempre sendo reconstruído e se auto regenerando...

A Rede no Brasil

Durante a reunião da Rede Brasil, dos dias 21 e 22 de agosto, algumas questões circulavam em minha mente e provocavam minhas emoções. Questões que coloquei durante estes dois dias, mas que resolvi registrar, ainda dialogando sobre Rede, enquanto uma proposta e metodologia de trabalho e organização social.

A Rede se mostra viva, pulsante. Rede enquanto "organismo vivo". Algumas sementes não vingaram no solo do PIBA nestes três anos. Algumas organizações demonstram um distanciamento e uma relação pouco compromissada com o programa. Em 2006, novas sementes são lançadas. Temos a inclusão de novos atores, trazendo maior dinamismo as ações do PIBA e ampliando a visão/concepção de nossa relação com Angola.

Um organismo é um todo integrado. Redes são fortes, quando seus "nós" estão fortes. Em 2006, houve intensificação das relações entre as instituições da Rede Brasileira, através de dois encontros, que permitiram contato mais direto entre os parceiros brasileiros, além do boletim recém lançado.

Um organismo também é formado por "sistemas" diferenciados, que se integram. Também em 2006 houve o incremento da descentralização da coordenação nos estados, aproveitando aquelas pessoas/instituições que na prática, já estavam fazendo o papel de articulação e animação do PIBA.

Rede brasileira do PIBA viva, se renovando, estabelecendo novas relações, estreitando laços, amarrando nós, mas também ainda terreno de "estranhamentos", disputas e conseqüentemente conflitos.

De 2003 a 2005 a tensão maior no interior da Rede Brasileira era se devíamos ou não transferir nossa "tecnologia social". O acúmulo que as organizações brasileiras têm, nossas formas de enfrentar a violação dos Direitos Humanos em nosso país. Nossa "fórmula" serviria para Angola? Que fórmula? Culturas e histórias de desenvolvimento diferentes, não deviam ser respeitadas? Muitas discussões e reflexões foram sendo feitas neste sentido para irmos construindo nosso fazer coletivo em Angola, que também em 2006 começou a se tornar prática.

Agora em 2006 percebo novas tensões, estranhamentos e disputas. O organismo se movimenta. Há questões não digeridas, que dificultam as ações coletivas.

Entendemos ser importante o conhecimento e que este deve ser socializado, mas ainda não temos com clareza como fazer isso. O que se entende como conhecimento é também um dos novos debates. De quê conhecimento estamos falando? O que se recebe na escola, o conhecimento formal? O que se adquire com a experiência da vida, conhecimento chamado informal? Os dois dialogam?

Se acreditamos que os jovens, os povos indígenas e quilombolas, por exemplo, têm voz e são atores sociais, como possibilitar que seu conhecimento esteja disponível e socializado no PIBA? Se trabalhamos com metodologias que empoderam, como trazê-las para nossa Rede?

Outra questão, que parece ainda "não digerida" são os "ganhos" diferentes em nossa participação na Rede brasileira. Os ganhos são apenas econômicos? A participação na Rede brasileira do PIBA traz muitos "ganhos" a todos que a integram. Conhecer outra cultura e outros povos; poder contribuir solidariamente com estes; projeção da instituição participante, que possibilita outros contatos e parcerias internacionais; projeção da pessoa na instituição; recursos para a instituição coordenadora, etc, etc... Penso que a nossa questão enquanto Rede deveria ser: Qual nosso ganho coletivo?

Experenciar um relacionamento horizontal, com um desafio tão grande, dado a diversidade e diferenças entre as organizações participantes no Brasil e em Angola, me parece que seria o grande ganho coletivo. Estamos imersos em uma cultura patriarcal, ocidental, branca, dominante e dominadora. Construir um processo diferente e horizontal, não palco de disputas, mas de cooperação, não é fácil. Trazemos para nossa prática e participação, nossa história, nossos valores, nossa forma de conceber a vida.

Para muitos, estas poderiam ser questões secundárias, não importantes. Mas penso, não há como agir dissociado do que se pensa. E uma das dificuldades que o PIBA enfrenta é o que propor como ação, durante os encontros presenciais entre parceiros angolanos e brasileiros e mesmo uma comunicação via internet mais intensa e dialogal. É o nosso agir coletivo.

Durante o Encontro da Rede Brasileira do PIBA, estas eram as minhas questões, que me faziam agir e intervir procurando o diálogo, tentando amarrar ainda mais os nós da Rede brasileira. Rede enquanto cooperação entre diferentes, que tem objetivos iguais. Rede como uma forma de operar, de vivenciar e organizar espaços de poder, concretizado em relações horizontais, apesar de existirem funções diferentes.

O Programa de Intercâmbio Brasil-Angola ganha novos parceiros

INDEC, ENCINE e Associação Quilombo da Conceição das Crioulas são os mais novos integrantes da Rede. Saiba um pouco sobre cada um deles.

Instituto de Desenvolvimento Cultural - INDEC

Fundada por membros da Comunidade Terreiro ILE OMIOJUARO (casa das águas dos olhos de Oxóce), em 1992, o Instituto de Desenvolvimento Cultural é uma sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolve pesquisas, estudos, ensinos das diversas áreas da cultura. Mantém, sobretudo, o enfoque cultural das tradições religiosas de matriz africana e que participam da luta e discussão dos diversos

segmentos da sociedade vulnerabilizada. Dessa forma vem integrando redes ou organizações e instâncias de representação voltadas para este fim.

Com cerca de 100 voluntários, a instituição promove ainda eventos que buscam a preservação da natureza e atividades culturais artísticas, bem como pedagógicas relacionadas à população negra e de periferia, mobilizando recursos financeiros locais, regionais, nacionais e internacionais, de pessoas físicas ou jurídicas, de direito público ou privado, canalizando-os para programas e projetos de seu interesse.

Tais eventos e atividades devem acontecer a princípio através de intercâmbios com outras organizações ou fundações congêneres, privadas ou públicas, nacionais ou estrangeiras, podendo ainda firmar contrato de serviços com estas entidades sempre com vistas à promoção humana.

Representado por Mãe Beata de Iemanjá, o seu membro mais renomado, o INDEC tem participado de várias ações políticas.

Atualmente o INDEC está participando de várias frentes de discussão sobre os direitos humanos, ações afirmativas, discussões de gênero e sexualidade, criança e adolescência, prevenção de DSTs, dentre outras áreas em que se faça mister sua participação e intervenção política através de ações que possam mobilizar a sociedade em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Este ano trabalha na elaboração de uma cartilha ecológica de conscientização sobre a importância do meio ambiente.

Adailton Moreira Costa é pesquisador da cultura negra e há 14 anos coordena o INDEC. Conheceu o PIBA através de Alexandre Salles, atual coordenador da Rede PIBA. Frente as diversas proximidades - cultural e histórica - que há entre Brasil e Angola, considera de extrema importância tal programa de intercâmbio, visto que os dois países não têm de similar somente a raça negra, mas antes de tudo buscam soluções verdadeiras quanto as populações em estado de vulnerabilidade em ambos países.

Para Adailton, o INDEC pode contribuir levando um novo olhar no que se refere as diversidades e especificidades da cultura e população brasileira, enfocando a população negra. "A participação do INDEC é muito mais como um parceiro de verdade, que está interessado em trocar experiências, podendo a partir daí também crescer junto com esta rede tão diversa, e rica em tramas", diz Adailton. "O INDEC espera antes de tudo, poder fazer parte do processo de construção das metas e propostas que serão pensadas e discutidas em grupo. É nesta rede que está sendo construída por todos que gostaríamos de estar presentes somando", completa.

Associação Quilombo Conceição das Crioulas

Nascida da necessidade de intensificar a luta pelo bem comum de Conceição das Crioulas, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) é uma sociedade civil sem fins lucrativos formada por 10 associações de produtores e trabalhadores rurais provenientes dos diversos sítios que compõem o povoado localizado no Sítio Mulunju, em Salgueiro (PE).

Fundada em 17 de julho de 2000, a AQCC tem como objetivos o desenvolvimento da comunidade - levando em conta sua realidade e sua história, a valorização das suas potencialidades, a conscientização do povo negro da sua importância para construção de uma sociedade justa e igualitária, a quebra da barreira do preconceito e discriminação racial. O maior empenho da Associação Quilombola no momento é a batalha pela posse da terra, com área aproximada de 17.000 hectares, numa perspectiva sustentável.

Funciona através da Coordenação Executiva e de comissões formadas pelas lideranças da comunidade e, até o momento, a se mantém com o trabalho voluntário de seus sócios, não possuindo recursos financeiros suficientes para sua total sobrevivência.

Fontes: <http://www.portalsalgueiro.com.br>

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020906_paulocs.shtml

Encontro da rede brasileira em Recife

“Um olhar sobre Angola - histórias e reflexões”. Este foi o tema do último encontro dos parceiros brasileiros que aconteceu em Recife (PE) nos dias 21 e 22 de agosto. Em uma roda de debates falou-se da realidade cultural e política do país. Assuntos como a dignidade feminina e os direitos humanos e suas violações de forma naturalizada foram também debatidos no encontro.

Estavam presentes as instituições do Rio de Janeiro - Roda Viva (Alexandre e Francinete), Projeto Legal (Jussara) e INDEC (Adailton). De Fortaleza (CE) estavam a Sociedade Redenção (Elísio e Cristiano), CEDECA-CE (Margarida), Associação Curumins (Flor) e os dois novos parceiros: a Pastoral do Menor (Cláudia) e o ENCINE (também representado pela Flor). Além das organizações de Pernambuco: CIMI (Zé Roberto), Centro de Cultura Luis

Freire (Carol), Povo Xukurú (Cris e Claudia) e o Quilombo de Conceição das Criolas (Diva). As discussões não ficaram só em acerca da viagem. O grupo realizou uma reflexão sobre Rede, a organização interna da Rede brasileira e seu planejamento.

ENCINE

É através de atividades educacionais, lúdicas e culturais que o ENCINE busca ajudar crianças e adolescentes de escolas públicas e /ou em situação de risco pessoal e social, utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação, principalmente a televisão, o rádio e a internet.

Fundado em 1998 o ENCINE é uma instituição social sem fins lucrativos que promove e através de suas ações comunicacionais um referencial e ponto de apoio regional e nacional na promoção da defesa dos direitos humanos. Busca ainda ser uma voz constante na mobilização e divulgação de ações sociais em prol da criança e do adolescente no Ceará e no Brasil.

Sua finalidade ser um instrumento de difusão e reflexão de temas sociais e políticos para a sociedade. Para isso busca atingir os objetivos de sua missão através de um conjunto de ações integradas e

indissociáveis, sendo todas norteadas pelo pensamento de que o ato da comunicação é o que impulsiona o ser humano nas transposições de obstáculos e no enfrentamento de desafios. Sendo a arte da imagem e da alegria de viver a melhor forma de se comunicar.

Fonte: <http://www.encine.org.br>

A Roda Viva no fortalecimento da Rede

De acordo com a gerente executiva da Roda Viva, Cláudia Jurema Macedo, a Roda Viva pretende promover um intercâmbio efetivo entre as instituições que fazem parte do projeto valorizando as suas práticas e suas equipes técnicas. “A idéia é que só existe intercâmbio se os seus membros percebem a importância dele para o seu trabalho

cotidiano”, conta Claudia. A instituição pretende assim fazer com que aquelas pessoas que atuam diretamente no desenvolvimento dos projetos nas suas instituições tenham oportunidade de vivenciar caminhos metodológicos que deram certo em outras organizações e debater sobre os seus desafios.

“Como coordenadores acreditamos que devemos atuar para facilitar o fortalecimento da rede, sistematizando as perspectivas apresentadas pelas organizações participantes no Brasil e em Angola”, completa, enfatizando que para coordenar um programa desenvolvido em rede é necessário criar condições para que os seus próprios membros identifiquem as potencialidades.

Coordenação do PIBA
Alexandre de Salles
Associação Projeto Roda Viva
Tel: (21) 2224-8742/ 2224-7456

Textos e Produção editorial
Joana Vieira

Colaboraram nesta edição: Tânia Jandira, Claudia Jurema e Adailton Moreira.